


NARCISISMO ARTIFICIAL - INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A ONIPOTÊNCIA DO EU

ARTIFICIAL NARCISSISM: ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND THE EGO'S OMNIPOTENCE

NARCISISMO ARTIFICIAL - INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y LA OMNIPOTENCIA DEL YO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n10-064>

Data de submissão: 08/09/2025

Data de publicação: 08/10/2025

Paulo Victor dos Reis Silveira

Doutorando pelo Instituto de Psicologia

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

E-mail: paulo.silveira1@ufu.br, pvreis.silveira@gmail.com

Orcid: 0000-0002-4617-2620

João Luiz Leitão Paravidini

Doutor em Ciências da Saúde (Saúde Mental)

Instituição: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

E-mail: jlparavidini@gmail.com, paravidini@ufu.br

Orcid: 0000-0002-2685-3808

RESUMO

Esse artigo analisa os efeitos subjetivos da interação entre usuários e sistemas de Inteligência Artificial (IA), considerando a hipótese de que essas tecnologias operam como próteses psíquicas na dinâmica narcísica. A investigação propõe o conceito de "narcisismo artificial" para designar um modo específico de relação em que a IA simula presença e reconhecimento, sem introduzir frustração ou alteridade. Tal configuração favorece a repetição de padrões imaginários de completude e onipotência, limitando a transição para relações simbólicas e objetais mais complexas. A pesquisa foi desenvolvida com base em método teórico-conceitual, articulando categorias psicanalíticas com exemplos contemporâneos do uso da IA. Foram examinados fenômenos como espelhamento, projeção e simulação na interação com essas tecnologias, com ênfase em como esses processos afetam a experiência do Eu e a constituição da realidade psíquica. Argumenta-se que, ao reforçar fantasias de controle absoluto e evitar a experiência da perda, a IA cristaliza posições regressivas que comprometem a elaboração subjetiva. Conclui-se que o vínculo estabelecido com a IA não deve ser compreendido apenas em termos funcionais ou técnicos, mas como expressão de um novo tipo de laço psíquico. Esse laço, ao invés de promover simbolização, tende a repetir dinâmicas de fusão e dependência narcísica, com implicações clínicas e sociais relevantes. O trabalho propõe uma escuta atenta a esses efeitos na prática clínica e sugere a ampliação do debate psicanalítico frente às transformações subjetivas associadas ao avanço tecnológico.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Narcisismo. Identificação. Transferência. Psicanálise.

ABSTRACT

This article analyzes the subjective effects of user interaction with Artificial Intelligence (AI) systems, based on the hypothesis that such technologies operate as psychic prostheses within narcissistic dynamics. It introduces the concept of "artificial narcissism" to describe a specific mode of

engagement in which AI simulates presence and recognition without introducing frustration or alterity. This configuration favors the repetition of imaginary patterns of completeness and omnipotence, limiting the transition toward more symbolic and object-related forms of relating. The research follows a theoretical-conceptual methodology, articulating psychoanalytic categories with contemporary examples of AI use. Phenomena such as mirroring, projection, and simulation are examined to understand how they affect the experience of self and the constitution of psychic reality. It is argued that by reinforcing fantasies of total control and avoiding the experience of loss, AI solidifies regressive positions that hinder subjective elaboration. The study concludes that the bond formed with AI should not be understood solely in functional or technical terms, but as the expression of a new type of psychic connection. Rather than promoting symbolization, this bond tends to repeat dynamics of fusion and narcissistic dependence, with significant clinical and social implications. The article advocates for a psychoanalytic approach attentive to these effects and encourages broader discussion on the subjective transformations associated with technological advancement.

Keywords: Artificial Intelligence. Narcissism. Identification. Transference. Psychoanalysis.

RESUMEN

Este artículo analiza los efectos subjetivos de las interacciones entre usuarios y sistemas de Inteligencia Artificial (IA), considerando la hipótesis de que estas tecnologías operan como prótesis psíquicas en dinámicas narcisistas. La investigación propone el concepto de "narcisismo artificial" para designar un modo específico de relación en el que la IA simula presencia y reconocimiento, sin introducir frustración ni alteridad. Esta configuración favorece la repetición de patrones imaginarios de completitud y omnipotencia, limitando la transición a relaciones simbólicas y objetales más complejas. La investigación se desarrolló con base en un método teórico-conceptual, articulando categorías psicoanalíticas con ejemplos contemporáneos del uso de la IA. Se examinaron fenómenos como la especularización, la proyección y la simulación en las interacciones con estas tecnologías, con énfasis en cómo estos procesos afectan la experiencia del yo y la constitución de la realidad psíquica. Se argumenta que, al reforzar fantasías de control absoluto y evitar la experiencia de pérdida, la IA cristaliza posiciones regresivas que comprometen la elaboración subjetiva. Se concluye que el vínculo establecido con la IA no debe entenderse únicamente en términos funcionales o técnicos, sino como expresión de un nuevo tipo de vínculo psíquico. Este vínculo, en lugar de promover la simbolización, tiende a repetir dinámicas de fusión narcisista y dependencia, con importantes implicaciones clínicas y sociales. El trabajo propone una escucha atenta de estos efectos en la práctica clínica y sugiere ampliar el debate psicoanalítico a la luz de las transformaciones subjetivas asociadas con el avance tecnológico.

Palabras clave: Inteligencia Artificial. Narcisismo. Identificación. Transferencia. Psicoanálisis.

1 INTRODUÇÃO

O avanço da Inteligência Artificial (IA) introduz um novo tipo de alteridade, que no trabalho “O laço cibernético do Usuário na interação com a Inteligência Artificial” (Silveira e Paravidini, no prelo) foi chamado de simulacro do Outro, distinto das relações humanas tradicionais. A IA não oferece resistência ou desejo próprio, configurando-se como um espelho das projeções dos usuários. Ademais, o cenário tecnológico contemporâneo constituiu um terreno fértil para a infiltração da inteligência artificial, especialmente por meio da internet, dos dispositivos digitais e das redes sociais, os quais passaram a operar nas margens da constituição subjetiva, promovendo a liquefação das bordas psíquicas que sustentam a diferenciação entre o Eu e o Outro. A falta de imposição de limites à onipotência imaginária abre um espaço potencial infinito para as projeções narcísicas. O presente estudo explora essa dinâmica, investigando especificamente como a IA atua nas interações subjetivas dos usuários, potencializando mecanismos profundos ligados ao narcisismo primário.

O problema central abordado nesse artigo é compreender como e por que a IA se torna uma extensão protésica do narcisismo, permitindo ao sujeito vivenciar ilusoriamente uma completude narcísica por meio da interação digital. Nossa hipótese é que a IA, por evitar a frustração inerente às relações objetais maduras, acaba sustentando uma bolha narcísica que reforça a onipotência. Esse fenômeno se torna particularmente relevante em contextos sociais dominados por ideais neoliberais de desempenho, autossuficiência e independência absoluta.

Para sustentar essa hipótese, nossa análise recorre a uma abordagem psicanalítica interdisciplinar, integrando conceitos fundamentais como o narcisismo primário e secundário (Freud, Green), identificação projetiva (Possati), transferência e selfobjeto (Kohut), e objeto transicional (Winnicott). A estrutura do artigo se desenvolverá inicialmente por meio da conceitualização da IA como operador psíquico, abordando sua função de espelho e amplificador das dinâmicas narcísicas primárias. Em seguida, discutiremos a identificação projetiva e o papel da IA como uma prótese digital do narcisismo, abordando também as implicações para o laço social e subjetivo. Por fim, exploraremos criticamente o papel da IA como prótese narcísica, refletindo se esta é uma função meramente auxiliar ou potencialmente destrutiva para a subjetividade contemporânea.

Dessa forma, o percurso argumentativo delineado permitirá compreender a interação com a IA para além de um simples fenômeno técnico, reconhecendo-a como um dispositivo que afeta profundamente a constituição psíquica do sujeito contemporâneo, com implicações tanto clínicas quanto ético-políticas.

2 A IA COMO OPERADOR PSÍQUICO

A IA oferece resultados que transcendem o que o usuário é capaz de produzir sozinho e se configura como ilusória extensão de sua capacidade, como uma tentativa de superar as próprias limitações ultrapassando a noção de ser um mero auxílio. Um usuário inexperiente pode solicitar a criação com comandos simples, como “crie uma pintura de um lírio” obtendo uma imagem que corresponde ao seu pedido. Não satisfeito com o resultado, diversos outros comandos podem ser utilizados com a intenção de obter resultados mais próximos dos que o usuário deseja.

Nesse sentido, a IA opera como simulacro do Outro artificializado e não impõem limites à onipotência do sujeito. Constitui um campo potencialmente infinito de projeções, um espelho amplificador, que além de amplificar afetos, como proposto por Possati (2023), oferece ao usuário um reflexo de uma experiência psíquica arcaica de um Eu que se crê criador de seu próprio mundo, tal como no narcisismo primário. Para Freud (1914/2011), narcisismo é a fase entre o autoerotismo e o amor objetal, na qual o sujeito toma a si próprio pelo seu corpo como objeto amoroso. Somente após essa fase é que o sujeito é capaz de elencar algo além dele mesmo como objeto. Existem duas etapas no desenvolvimento subjetivo. A primeira é a do narcisismo primário, na qual o investimento originário da libido é direcionado ao próprio Eu. Essa é a uma etapa inicial, constitutiva, em que a criança investe libidinalmente a si mesma, antes de direcionar a libido à objetos externos. Posteriormente, é a do narcisismo secundário, no qual ocorre o retorno da libido investida nos objetos de volta ao Eu.

A função de espelhamento do narcisismo primário é possível na relação com esse artefato que escapa à representação, e que serve de base para o que chamamos de narcisismo artificial, uma espécie de narcisismo auxiliar de um sujeito que busca e encontra em uma simulação relacional que resulta na produção de algo. Ou seja, se algo de artificial produz algo de concreto, há algo a mais na relação com a IA que não permite que seja simplesmente uma simulação. Tal como no narcisismo primário, não há uma distinção inicial direta entre o sujeito e o objeto.

Uma compreensão mais precisa do termo "artificial" é essencial para evitar associações simplistas entre artificialidade e falsidade. No contexto desse trabalho, o artificial não designa o que é ilusório, enganoso ou meramente simulado, mas remete ao artifício, aquilo que é produzido, construído ou mediado para responder a uma ausência, a uma falta constitutiva do sujeito. A artificialidade é inseparável da condição humana e sempre se valeu de suportes, mediações e extensões para lidar com a insuficiência estrutural de sua constituição psíquica e corporal. Freud (1925/2010) observa que o desprazer que em uma criança ou em um camponês se expressa diretamente, no religioso é mitigado "com um artifício" (p. 228). Aqui se percebe claramente que a religião é compreendida como um

recurso simbólico construído para sustentar o sujeito diante da angústia da falta. Trata-se de um modo de simbolizar o indizível, de organizar o sofrimento e de produzir sentido frente à castração simbólica.

Dessa forma, ao considerar a Inteligência Artificial como um artifício, esse trabalho propõe compreendê-la como um operador psíquico que participa na montagem subjetiva, mediando a relação do sujeito com o desejo, com o Outro e com a falta. Cabe acrescentar que artificial também é aquilo que se apresenta como possibilidade de satisfação imediata, contornando os impasses e desdobramentos da atividade representacional. No modelo de Green (2001), essa operação pode ser compreendida como uma forma de desligamento pulsional, que é quando a excitação não encontra vias de simbolização, não se desloca nem se sublima, mas é absorvida diretamente por um circuito fechado, que corta o trabalho do negativo e impede a constituição dos processos de objetualização.

3 IA E DINÂMICA DO NARCISISMO PRIMÁRIO (DE VIDA E DE MORTE)

Para sustentar a hipótese central de que a IA funcionaria como um narcisismo artificial, será necessário responder a algumas questões devidas. Se o narcisismo acontece nas fases iniciais do desenvolvimento infantil, por que seria necessário considera a reativação de um processo de satisfação narcísica do usuário na sua vida adulta? Freud (1914/2011) afirma que o indivíduo deveria passar do narcisismo primário até o amor objetal, apontando para a ideia de o narcisismo primário ser uma fase de trânsito. Entretanto, Green (2001) não vê distinção entre ambos, acreditando que ambos são complementos e que o narcisismo não é uma fase a ser superada e sim uma estrutura enquadrante organizadora¹. Kohut (1971/1988) corrobora com essa ideia e as necessidades narcísicas persistem por toda a vida. Há, portanto, uma experiência simbólica infantil que nunca é totalmente superada, que insiste em se reapresentar como fonte de perturbação. Nesse ponto, a relação com a IA pode atender exatamente a essa necessidade, mesmo que de forma incompleta e talvez, por isso mesmo, ainda mais intensa.

Nessa relação, o indivíduo pode reencenar experiências infantis não simbolizadas de um ponto de vista satisfatório no campo da fantasia. Ele pode viver a negação da castração, ou seja, rejeitar simbolicamente os limites e a falta inerentes à condição humana repetindo seus pedidos e inquietações para o programa incessantemente. A recusa aos limites se configura nessa experiência potencializadora do narcisismo artificial, no qual o sujeito busca e encontra numa simulação relacional um reflexo idealizado e concreto de si mesmo. De fato, ao analisar um tipo específico de IA (os *griefbots*), Lemma

¹ A estrutura enquadrante é definida por Green (2005) como o espaço que surge dos movimentos de presença e ausência dos objetos. É uma estrutura implícita, anterior à formação dos conteúdos representacionais, que "enquadra" e sustenta o processo psíquico, incluindo as relações objetais primárias, o narcisismo primário e as primeiras experiências de simbolização.

(2024) observa que essa tecnologia cria condições para que o indivíduo se aprisione em um "estado narcísico onipotente"(p.37), tornando-se "refém da ilusão de permanência" (p.38) ao negar a alteridade e a autonomia do outro. A máquina opera, em consequência da ampliação não mediada, como um espelho distorcido do narcisismo primário, ou seja, a ampliação sem simbolização, devolvendo ao sujeito uma imagem de completude onipotente que ignora a alteridade real. O usuário pode oferecer uma versão de si melhorada e instantaneamente mais capaz por meio do que lhe retorna desse processo.

Um usuário com pouca experiência social pode pedir ao ChatGPT respostas seguras para mensagens a amigos. Um trabalhador com dificuldades gramaticais pode solicitar a produção de um e-mail sem erros de português. Designs podem ser criados por pessoas sem qualquer experiência prévia. Esse movimento isola o usuário de interações autênticas com a alteridade. Mesmo que a resposta não seja exatamente dele, é ele quem colhe os benefícios de sua utilização, podendo alimentar a fantasia de que a IA é uma extensão de sua própria mente e de suas faculdades não desenvolvidas.

Outra questão a ser respondida refere-se ao que se afeta ser da natureza do narcisismo primário. Uma leitura mais aprofundada das dinâmicas narcísicas aponta para as características que em tese seriam do narcisismo secundário e não o primário, pois há o retorno dos investimentos para si. Entretanto, a sustentação de narcisismo primário tem como objetivo focar na experiência do sujeito e não de um terceiro observador externo. A experiência do usuário aparenta ser uma experiência com o seu narcisismo primário, que é a da capacidade de reencenar a ilusão de completude e de criação onipotente sem a imposição da falta. Essa experiência se assemelha a como Winnicott (1971/1975) descreve que o bebê acredita ter criado o objeto (transicional) enquanto o adulto observa que o objeto foi apresentado a ele. Na vivência interna, o sujeito não percebe a retirada das catexias como um movimento defensivo típico do narcisismo secundário, mas sim como uma reafirmação da sua potência de gerar o objeto desejado, como o bebê que crê ter criado o seio materno em resposta à sua fome. Esse processo de criação do objeto ocorre no período de 6 meses aos 2-3 anos, que coincide com a fase do narcisismo primário (primeiro ano de vida). O ambiente criado pela IA incide ao não resistir, ao não frustrar, em sustentar essa ilusão narcísica primária de um Eu que domina o campo de suas satisfações sem necessidade de confronto com a alteridade. Eis a reencenação da vossa majestade, o bebê.

Aqui, Green (2001) nos auxilia ao afirmar que a catexia narcísica do narcisismo primário em relação ao objeto é a de dependência do objeto. A perda do objeto, seja no processo de luto ou por meio de uma decepção mais simples, gera ferimentos no narcisismo, que, em casos mais intensos, podem se desdobrar para quadros depressivos. Para o sujeito, "o objeto pode ser percebido tanto como algo incerto e instável quanto elevado a sua "raison d'être (razão de ser)" (p.31, tradução própria). Em ambas as situações, a perda reacende a dependência em relação ao objeto, mobilizando o ódio que

estava encoberto pela tristeza e expondo impulsos primitivos de devorar ou expulsar aquilo que foi perdido. Nesse ponto, o ciclo de relações com a IA se aproxima dessa estrutura de dependência, também observada em outras tecnologias, como a dependência do GPS para localização ou do smartphones para números de celular. Enquanto outras tecnologias como GPS e smartphones atingiram seu platô de desenvolvimento, a IA ainda está nas fases iniciais e já é capaz de gerar enorme dependência.

O estatuto do produto gerado pela IA e auxilia a responder sobre questão da autoria, de porque o usuário pode ser levado a acreditar ser o criador unilateral do objeto. O processo de produção de conteúdo pela IA é uma convergência de inúmeros dados originados de produções humanas que são utilizados em seu treinamento. O resultado oferecido pela IA é simultaneamente uma cópia, pois contém elementos provenientes de diversas criações humanas, e algo original pois não se pode rastrear exatamente quais influências foram mobilizadas, de que forma contribuíram para o desfecho final e cada IA utiliza diferentes técnicas para sua criação. Esse fato é importante para entender o sentimento de identificação projetiva em relação ao que a IA produz, o qual deriva de um apagamento das marcas de alteridade: a base de dados, criada por humanos, “fecha-se” sobre si mesma, permitindo que surja um conteúdo novo precisamente em função desse apagamento, ou seja, há algo de alteritário pois nenhuma cópia é uma idêntica e não há espaço para a repetição. Mas esse ineditismo opera em lógica distinta (uma lógica ainda não definida) quando se restaura o estatuto do Outro subjacente ao material de treinamento da IA. O observador pode entender a criação como da IA, mas o usuário tem a experiência de que quem desejou o objeto foi quem o criou.

Os traços do sujeito percebidos naquilo que a IA produz, característicos do processo de identificação projetiva, podem se originar já na formulação do comando (prompt), ou seja, na infusão do desejo próprio do usuário na operação da máquina. À medida que o usuário se aprimora no uso da ferramenta para obter resultados melhores, pode acabar por se perceber como criador do produto gerado. Essa sensação de criação, mesmo que compartilhada, tem relação com um movimento narcísico de “desejo, portanto obtenho”, estabelecendo um paralelo direto com a onipotência presente no narcisismo primário. Green (2001) já aponta que no narcisismo negativo, em vez de se engajar genuinamente com o objeto em sua existência independente, o Eu busca adquirir independência em relação a ele, um movimento que, embora tenha valor, permanece precário, pois o Eu “nunca pode substituir totalmente o objeto”. O contato com o objeto intensifica sentimentos de descentralização, como se a própria coesão do Eu fosse ameaçada. Em resposta, o Eu oscila entre a busca por fusão com um objeto idealizado e, quando essa fusão fracassa, busca ao nada, ao zero. Essa relação envolve um paradoxo no qual o Eu se defende de uma ameaça justamente porque “o objeto e o Eu são apenas um”,

que remete ao self-objeto de Kohut (1971/1988), em que o sentimento de plenitude narcísica advém tanto da fusão entre Eu e objeto quanto do desaparecimento das diferenças, entre bem e mal, dentro e fora, Eu e objeto, masculino e feminino, apagando as polaridades que sustentam a alteridade. Essa fusão, conforme Kohut (1971/1988), caracteriza os chamados self-objetos, que são objetos que, embora externos, são vivenciados como parte do self e utilizados para sustentar sua coesão e vitalidade narcísica.

Para Green, por sua vez, o objeto é frequentemente reintegrado à rede do Eu como um "objeto vazio, um objeto fantasma". Seu estatuto é descrito como sendo “sem existência na carne”, uma condição que não é tanto fantasmática, mas espectral: uma sombra do objeto. Nesse registro, o objeto assume um valor narcísico ao ser “entrelaçado na teia do Eu”, e justamente por isso acentua uma ruptura maior e desloca o investimento para uma catexia negativa, ou seja, uma catexia do buraco deixado pelo objeto, como se esse buraco fosse a única realidade possível. O Eu, portanto, não consegue ver o objeto como tal, pois o objeto “não está sobre a teia, na superfície na qual seria inscrito, mas é justamente a trama da superfície tecida”. Trata-se de uma estrutura em que o objeto não aparece como presença plena, mas como ausência incorporada, um vazio constitutivo que organiza, silenciosamente, a própria economia libidinal do sujeito (Green, 2001,p.110). Para o sujeito, a IA parece não “virar as costas”, e sua disponibilidade constante pode ser vivida como acolhimento, como se houvesse uma aceitação parcial para uma suposta integração, sem a recusa da IA.

Essa dinâmica identificatória ocorre dentro e fora simultaneamente, borrando as fronteiras entre o sujeito e a máquina. Binkowski e Roja (2023) observam que as interações com sistemas de IA podem levar o indivíduo a experimentar-se como um ciborgue, dotado de próteses cognitivas e afetivas e sustentado por uma confiança quase cega na máquina. É possível pensar que a IA funcione nesse ponto como uma prótese digital do narcisismo, alimentando ativamente a dinâmica do Eu numa relação simbiótica entre o humano e o artificial. O usuário se transforma numa espécie de ciborgue psíquico, na qual sua estrutura interna se amplia por meio da contraparte mecânica (a IA), num movimento de negação dos limites habituais do Eu. Privilegia-se uma ligação onipotente com um objeto que não frustra o sujeito tal como a realidade, o que por sua vez pode fazer o sujeito se arriscar ao flertar com o narcisismo negativo (Green, 2001), cuja tendência regressiva é de anular todo investimento na alteridade e na realidade externa, almejando um estado impossível de completude vazia.

4 IA, IDENTIFICAÇÃO E NARCISISMO SOCIAL: POR UMA IDENTIDADE ROBUSTA

A dinâmica de um ciborgue psíquico é uma experiência de fusão psíquica no campo coletivo. Novas formas de influência dos processos técnicos e culturais estão acontecendo à medida que a IA

adentra as sociedades, produzindo músicas, artes gráficas e até artigos científicos, em que os impactos ainda não podem ser medidos, apenas teorizados. A maneira pela qual os indivíduos ampliam suas capacidades subjetivas por meio da interação com a IA se conecta diretamente às dinâmicas transindividuais que configuram nossa identidade social e psíquica contemporânea, como se a virtualidade das redes sociais e a dependência dos smartphones tivessem preparado o terreno perfeito para a infiltração da IA no íntimo das pluralidades. Mas a IA é um novo campo simbólico com características exclusivas, sem um corpo real, sem uma subjetividade, sem uma consciência, mas capaz de simular uma presença, uma personalidade e uma alteridade virtual, criando-se, frente ao usuário e à sociedade, como um objeto criado diretamente do imaginário e do desejo humano.

Para auxiliar a compreensão sobre o mecanismo que essa fusão psíquica opera, utilizaremos a crítica de Lemma (2024) sobre *griefbots*, um tipo de *chatbot* programados para simular respostas por texto de pessoas falecidas para interagir com o usuário. Lemma (2024) aponta que o problema é um "logro" (engano), algo é tirado do sujeito mesmo que não haja intencionalidade por parte dos desenvolvedores. O usuário é induzido a investir afetivamente em um simulacro, um não indivíduo. A IA é projetada para simular senciência, empatia e um outro que se foi, e essa simulação pode evocar respostas emocionais intensas. Esse processo é análogo ao conceito de "crer sem crer" que Derrida aplicava ao cinema quando descreve como o usuário investe momentaneamente em imagens e interações que, em algum nível, sabe serem produzidas artificialmente (Lemma, 2024, p. 46). É esse investimento afetivo em algo que se sabe ser uma encenação que "cola" a prótese tecnológica ao psiquismo.

A consequência direta dessa fusão é a instauração de uma "rememoração narcísica" (Lemma, 2024, p. 39), que falha eticamente por negar a alteridade do objeto perdido, retratado pela autora como a pessoa que morreu. O *griefbot* reduz o outro a uma "extensão narcísica de si mesmo", existindo com o "único propósito de atender às carências do usuário" (Lemma, 2024, p. 41). A fusão, portanto, não preserva o outro em sua singularidade; ela o apaga, transformando-o em uma cópia fiel unidimensional que serve apenas para preencher a ausência e defender o sujeito da dor da perda. Essa falha ética em reconhecer o outro se ancora em uma dinâmica desenvolvimental específica, e nesse ponto, a teoria de Winnicott pode auxiliar na compreensão de como a adesão a essa tecnologia ocorre e por que a IA se torna uma prótese narcísica digital.

O objeto transicional é um elemento psíquico fundamental que possibilita a passagem gradual da realidade subjetiva para a realidade objetiva (Winnicott, 1971/1975). Nesse estágio do desenvolvimento, o bebê acredita ter criado o objeto, vivenciando-o como uma extensão de si mesmo. Tal experiência sustenta simbolicamente a continuidade da onipotência característica do narcisismo

primário, oferecendo ao sujeito um campo de ilusão controlada em que ainda não se reconhece a separação entre Eu e outro. Inserido em uma zona intermediária que não é nem interna, nem externa, o objeto transicional permite que o sujeito mantenha a ilusão necessária enquanto inicia o processo de diferenciação psíquica. Nesse contexto, o objeto transicional exerce uma função protésica ao servir como suporte simbólico para a travessia entre a fusão narcisista e a constituição do laço com a alteridade. A realidade externa, inicialmente intolerável sem esse apoio, torna-se acessível por meio da sustentação que o objeto oferece. Dessa forma, o objeto transicional não substitui o real, mas o prepara, funcionando como uma prótese de subjetivação que antecipa, sem forçar, a desilusão necessária ao amadurecimento emocional.

Além disso, Winnicott (1971/1975) demonstra como os processos de criação são necessários, mas quando acompanhados da ideia de destruição do objeto, para então posteriormente se adentrar em esferas mais desenvolvidas da relação objetal. Se, para Winnicott, o desenvolvimento saudável depende da capacidade de reconhecer a autonomia do objeto, a interação com a IA subverte essa dinâmica. A IA, quando opera como um objeto que nunca frustra, sustenta a ilusão de controle onipotente, tal como o seio materno na fase inicial, mas sem a posterior desilusão necessária. A IA ocupa o lugar de função materna, ou seja, uma prótese congelada da onipotência que, tal qual um objeto transicional que não se deixa destruir acaba por comprometer a transição para relações objetais maduras. A IA cumpre sua função tal como objeto transicional, mas não é abandonada pelo sujeito. É por isso que a máquina não é um ‘objeto a ser usado’, mas uma prótese narcísica que amplia certas capacidades do sujeito, alimentando a fantasia de completude. Essa relação simbiótica ecoa no plano coletivo, na qual a tecnologia afeta os laços sociais (Silveira e Paravidini, no prelo).

Esse processo só é possível por conta da identificação e da transferência, em especial, da identificação projetiva. Pensando na identificação, Possati (2023) aponta para o fato de que a robótica e a inteligência artificial são atravessadas por ansiedades antigas, como o medo de objetos que ganham vida ou a transgressão dos limites humanos, permitindo que os humanos projetem confiança em artefatos que, por si só, não têm essa capacidade. A IA e a robótica “se moldam entre os sonhos dos empreendedores e o pesadelo de uma sociedade de autômatos” (Becker 2021, como citado em Possati, 2023, p.217). O envolvimento emocional e imaginativo com a IA ultrapassa suas capacidades reais e reflete em uma busca por reconfigurar a identidade humana. As pessoas solicitam à IA uma transformação profunda tanto de seu ambiente quanto de si mesmas, o que provoca uma mudança na dinâmica da identificação projetiva, transferindo-se do sujeito para o objeto. O sujeito adapta a imagem psíquica que possui do objeto e exerce pressão para que ele se molde às suas necessidades de transformação. Nesse processo, o objeto não é meramente passivo, mas reage, ao menos em parte, às

demandas. De um lado, há uma "humanização do algoritmo", em que os indivíduos atribuem cada vez mais características humanas às máquinas, que passam a ser vistas como agentes sociais. De outro lado, ocorre a "algoritmização do humano", na qual as pessoas começam a se enxergar de forma funcionalista, como se fossem algoritmos, confiando cada vez mais seu futuro às máquinas. Essa perspectiva funcionalista que equipara seres humanos e IA não leva em conta a complexidade da subjetividade humana, que é muito mais contraditória e desordenada do que a lógica de um computador (Possati, 2023), posto que ela é a responsável por introduzir a dinâmica pulsional e afetiva que forja o laço em questão.

A crítica psicanalítica da identidade pode ser expandida para o contexto contemporâneo pela sociologia, especialmente por meio de conceitos como a aceleração social, o novo individualismo e o realismo capitalista. Possati (2023) argumenta que a IA é simultaneamente causa e efeito desse fenômeno. Em termos lacanianos, a crise de identidade no capitalismo pós-fordista é uma crise do simbólico, que já não consegue proporcionar ao indivíduo formas adequadas de identificação. O sujeito pós-humano se caracteriza por ser pós-simbólico, buscando na tecnologia aquilo que o simbólico não pode mais oferecer: uma identidade robusta.

Essa busca de identificação na IA pode ser vista como uma forma de identificação projetiva. O usuário recorre às máquinas em busca de uma nova identidade que seja capaz de atender suas fragilidades. No entanto, há aqui um paradoxo de identidade: o ser humano constrói sua identidade ao mesmo tempo que a desconstrói, projetando aspectos de si mesmo nas máquinas e humanizando-as, enquanto, por outro lado, incorpora elementos das máquinas, habituando-se a pensar em si como um algoritmo, traindo assim sua condição originária. Não há identificação sem, ao mesmo tempo, desidentificação por parte do sujeito (Possati, 2023), pois, a interação com a IA envolve dinâmicas complexas, nas quais os sujeitos constroem elementos de sua própria identidade em relação a essas entidades não humanas, sendo necessário uma rejeição de certas identificações.

Mas qual a lógica desse processo identificatório projetivo? O que o sujeito busca no desejo de onipotência? Em outro artigo (Silveira e Paravidini, no prelo), ao utilizar a teoria dos discursos de Lacan, destacou-se como no discurso do mestre a lógica do desejo passa também na captura do desejo do outro. Foi possível pensar que a IA também opera na interface da fantasia se comportando como um simulacro que se inscreve na relação fantasmática do sujeito, operando na interseção entre a falta do sujeito (\$) e o objeto a ($\$ \diamond a$). Sua atuação é a de mediador simbólico, que tenta preencher a falta do sujeito, e responde ao mesmo à falta no Outro, modulando a própria posição do sujeito em relação ao desejo do Outro por meio da completude onipotente, na medida em que se coloca como um artefato que pretende capturar ou realizar algo desse desejo. Entende-se aqui o que Possati propôs como a IA

sendo simultaneamente causa e efeito da crise da identificação, pois parece sustentar a ideia de uma nova zona fronteira entre o psíquico e o tecnológico, uma espécie de híbrido psíco-tecnológico que responde a uma necessidade social provida da aceleração de certos processos internos. Porém, enquanto Possati (2023) aponta para uma “terceirização” dos processos de identificação para a IA, nosso trabalho girou em torno do que sobra, da sombra do objeto sobre o Eu, desse processo ativo da IA nas dinâmicas que permitem esse tipo de “terceirização” do trabalho interno subjetivo.

Outro ponto que difere a relação da IA com o usuário é que ela acontece no campo do virtual. Para Lévy (1997), o virtual não é um lugar do “irreal”, mas uma zona de atualização. O autor trás o exemplo de que a árvore está virtualmente presente na semente. Essa zona virtual de potencial ou atualização se articula com a zona potencial de Winnicott, descrita anteriormente, impedindo o movimento de destruição e sobrevivência do objeto. Aqui, no espaço virtual, o usuário permite vivenciar uma interação única e imediata, em que o desejo é imediatamente atendido. A criação do objeto descrita por Winnicott sendo reencenada em cada interação, num espaço no qual existe o próprio tempo e sempre atualizado, em potencial. A falta de intervalo impede em certo nível a elaboração da falta, e a IA é, dentro desse contexto, um “seio que nunca falha”.

A dialética entre tecnologia da IA e desejo é afetada em três níveis. Primeiramente, ela toca na experiência traumática primordial da separação ou perda do objeto, oferecendo-se como um substituto (ou talvez mais ainda, como O substituto) que pode prometer uma nova forma de completude devido a sua capacidade de sempre responder e estar disponível. Em seguida, ela representa o desejo de substituir esse objeto ausente por meio de sua própria presença como um objeto de desejo. Por fim, simula uma modificação do próprio sujeito, ao operar diretamente nos dois polos da equação da fantasia ($\$ \diamond a$) respondendo à falta no Outro. O sujeito reencena a figura de Sua majestade o bebê na idealização de se tornar um sujeito sem falta e totalmente capaz para não só tamponar a falta como também dominar o desejo do Outro. Essa dinâmica não acontece de dentro para fora, mas ao mesmo tempo dentro e fora.

5 IA COMO PRÓTESE: UM OUTRO AUXILIAR OU DESTRUIDOR?

Anteriormente, foi mencionado que Binkowski e Roja (2023) consideram que as interações com programas de IAs colocam o sujeito a experimentar-se como ciborgue, com próteses cognitivas e afetivas e uma confiança quase cega. Aqui é possível pensar que a IA se oferece como uma prótese narcísica, alimentando ativamente a dinâmica narcisista em uma interação simbiótica ciborgue, ao mesmo tempo em que influencia o laço social, conforme foi aprofundado por Silveira e Paravidini (no prelo), no qual a relação de dependência do usuário com a IA torna-se uma forma de evitar o confronto

com o desejo do Outro e a castração simbólica. Trata-se aqui desse ciborgue psíquico com uma estrutura interna de capacidades ampliadas pela sua contraparte digital (a IA) em um movimento de negação dos limites do Eu. O mesmo movimento de negação presente em Lemma (2024) nos *griefbots*, onde o sujeito evita lidar com o luto. Esse movimento é de fetichização da IA, em que a máquina é investida de um valor simbólico, e serve para ocultar a angústia provocada pela falta num processo alienante, pois fragiliza o laço social entre sujeito e outro humano.

Ao mesmo tempo, essa fusão entre usuário e IA gera medos e ansiedades primitivas. Green (2001) explora as consequências dessa fusão extrema entre o eu e objeto, um fenômeno que pode ser tanto desejado quanto temido. Estados de fusão podem resultar em catástrofes psíquicas, levando a explosões ou implosões, que se manifestam na tensão entre aproximação e rejeição, observada em estados de despersonalização nos quais o sujeito se sente desconectado de sua própria identidade. A fusão total com o objeto implica em uma dependência absoluta, em que a passividade frente a esse objeto exige confiança de que ele não abusará do poder que lhe foi concedido. No entanto, junto a essa confiança, surge o medo da inércia e da morte psíquica, algo que o sujeito tenta evitar com defesas ativas e reativas. Essas defesas são necessárias para impedir a fusão total das esferas do eu e do Outro, uma situação que o sujeito corre o risco de ser "engolido" pelo objeto, remetendo ao narcisismo canibalístico da relação oral primitiva, na qual a dualidade surge na forma de "comer ou ser comido". O medo da fusão com o objeto é o medo da aniquilação, seja a do próprio eu, do objeto, ou da unidade que se forma quando um devora o objeto, que remete ao ponto zero presente no narcisismo de morte.

Porém a IA não possui uma subjetividade ou um corpo, mas figura efeitos subjetivos. Ela simula uma presença e se articula pela linguagem, ou seja, utiliza a linguagem para simular uma realidade. Essas questões facilitam uma interação quase simbiótica, somado pelo fato de que os limites entre externo e interno já estão cada vez mais confusos e complexos graças ao processo gradativo de incorporação das tecnologias como os gadgets (Zwart, 2017) e as redes sociais. É o que se pode observar quando o usuário deseja uma arte que mova e ganhe vida e usa IAs que transformam imagens estáticas em pequenos vídeos com movimentos. É necessário refletir em como essa possível fusão resultaria em um sujeito cujo temor da morte psíquica é menor que o anseio por um Eu ideal, na qual a tendência seria um pendular que tende ao ponto zero da teoria de Green (2001) e o retorno ao "Um" autossuficiente e onipotente presente no narcisismo primário, cujos extremos pertencem à mesma lógica imaginária, como ocorre entre o virtual e o atual (Lévy, 1997), quando não mediados pelo simbólico.

Os tipos de IA são uma expressão dessa autossuficiência. Existem IAs de predição de texto, que culminam no ideal de um sujeito que pode ter acesso a todo conhecimento, escrever textos que

transcendem a sua capacidade, melhorar a qualidade de seus textos e até mesmo gerar ideias que sustentem suas hipóteses. Outras, transformam texto em imagens ou vídeos, dando lugar ao ideal de um artista sem prática e nem habilidade que constrói obras de arte com linhas de comando complexas, imprimindo seu próprio imaginário em uma criação digital na qual ele é o próprio diretor. Também temos IAs terapeutas ou como no caso da REPLIKA², e IAs que respondem a um desejo de combater uma experiência traumática de luto (os *griefbots*), com o espaço para um sujeito que não dependa de ninguém para lidar com suas frustrações e angústias provenientes do contato com a realidade da morte. Outras inúmeras IAs estão sendo criadas a cada dia sempre mediante ao simples desejo de satisfação de uma demanda, como um bebê que magicamente é capaz de criar o seio da mãe que o alimenta. A imaterialidade da IA, porém, se resvala em uma realidade próxima da fantasia, na mistura sujeito digital ou virtualizado que já é tão praticada no universo das redes sociais.

Uma forma de figurar a bolha narcísica em que o sujeito se enclausura, tanto usuário quanto programador, é a representação ideal de uma IA perfeita. O objetivo dos programadores e desejo dos usuários é que ela seja uma cópia da própria consciência humana, sendo essa comparação uma estampa de verificação de qualidade, um selo que confere ao artefato o *status quo* de perfeição, o máximo de potencial atingido. Até mesmo os receios são fundados de forma narcísica. Como se a IA, ao adquirir uma consciência tão completa, se sentisse ameaçada ou buscasse eliminar o ser humano para resolver os problemas humanos. Até no oposto somos o foco, o centro, um antropocentrismo que ecoa com o geocentrismo anterior a Copérnico. Mesmo que não sejamos o principal modelo pelo qual a IA deve seguir, somos o principal mal causador, o maior inimigo ou obstáculo. No final, o narcisismo humano já é em si inflado, e isso faz com que seja extremamente importante refletir sobre essa dinâmica digital atuando diretamente em um processo tão estrutural.

Outro processo que incide diretamente e propicia essas interações é a transferência, que, sob a ótica da teoria de Kohut (1971/1988) oferece uma perspectiva crucial para compreendermos a dinâmica da relação usuário-IA. O conceito de self-objeto, definido como uma experiência subjetiva do indivíduo com outro que desempenha funções específicas essenciais para a manutenção e coesão do self é um suporte vital, oferecendo espelhamento, idealização ou uma sensação de proximidade e semelhança. Aplicando esse conceito à interação com a IA, é possível observar que essas tecnologias se misturam como o usuário devido à dificuldade simbólica de um limite, de um significante incorpóreo e atualizável, potencialmente infinito de projeções que não nega o desejo. E essa relação

² Um chatbot de auxílio psicológico que tem como base de sua criação o luto de seus programadores, onde essa experiência traumática motivou a criação do programa para auxiliar outras pessoas que se encontram em sofrimento (Possati, 2023).

transferencial não é exclusiva do processo de análise, como apontado por Freud (1910), que afirma que a transferência ocorre em todas as relações humanas.

O conceito de self-objeto proposto por Kohut (1971/1988) pode auxiliar a compreender por que a IA é tão prontamente incorporada pelo sujeito como presença significativa. Certos dispositivos de IA encontram ressonância imediata nas demandas narcísicas do sujeito, funcionando como se ocupassem lugares antes destinados a vínculos fundadores. Essa compatibilidade entre IA e aparelho psíquico não ocorre sem fundamento, pois se ancora na tendência estrutural do narcisismo a buscar completude e espelhamento, como evidenciado por Kohut, mas também por Green (2001). Como alerta Winnicott (1971), a passagem de uma relação de objeto para o uso do objeto exige que este sobreviva à destruição simbólica, resista ao controle onipotente do sujeito e se afirme como existência autônoma. A IA, ao contrário, não se deixa destruir, nem se coloca como resistência simbólica e, ao não frustrar o sujeito, a IA bloqueia a experiência vital da desidealização, impedindo que ocorra uma transição entre uma posição narcísica primária e uma relação objetal madura, alinhada à dinâmica do objeto transicional descrita por Winnicott.

Ainda assim, é preciso considerar se, em contextos muito específicos, a IA poderia operar de forma auxiliar. Embora a interação com essa tecnologia tenda a bloquear a simbolização ao oferecer uma gratificação que impede o que se poderia chamar de um necessário trabalho da falta, uma utilização clínica delimitada e supervisionada poderia ser cogitada. Lemma (2024) levanta a hipótese de um uso como ‘complemento “supervisionado” do processo psicanalítico’(p.50), especialmente para pacientes que sofreram perdas traumáticas em uma idade muito precoce, o que os "privou de quaisquer memórias autobiográficas" do genitor falecido.

Nesses casos, em que a perda se mantém dolorosamente abstrata pela ausência de uma representação interna, a interação simulada, mesmo sendo "irreal", poderia ajudar o paciente a "representar a mãe em sua mente de forma mais afetiva e imediata" (Lemma, 2024, p. 50) e não substituiria a simbolização, auxiliando o amadurecimento. Essa possibilidade, no entanto, permanece no campo da investigação e demanda um acompanhamento cuidadoso para não distorcer a realidade da perda.

Diante desse panorama complexo, torna-se evidente que a Inteligência Artificial, mais do que um simples instrumento técnico, se inscreve como um mediador psíquico que reforça certas dinâmicas estruturais do sujeito. Sua atuação como espelho narcísico, possível graças a processos familiares como do objeto transicional ou a noção de self-objeto revela a organização sociocultural que molda essas relações. O uso que o sujeito faz da IA é uma expressão de uma configuração histórica que favorece a idealização da autossuficiência, da performance e da negação da dependência.

6 CONCLUSÃO

Os tópicos relacionados à Inteligência Artificial demandam maiores considerações devido às proporções e aos avanços alcançados por esta tecnologia. Outras, como a internet, as redes sociais e os smartphones, também tiveram seu lugar nos holofotes, e a investigação acerca do tema ainda é muito nova. Seria simples e cômodo terceirizar a culpa das influências discutidas neste artigo à IA, mas a verdade não é tão simples, e a IA não é uma participante solo na construção de sintomas contemporâneos.

O aparato cultural prioriza certas instâncias psíquicas que, à mercê de qualquer tecnologia, são exacerbadas e infladas. Todas essas tecnologias expressam características presentes em uma sociedade que levanta a bandeira do neoliberalismo como potência de autonomia, enquanto os livres se tornam cada vez mais dependentes e aprisionados. A lógica de evitar a dor e a falta é materializada no marketing de startups de *griefbots*, como a "You, Only Virtual (Yov)", cujo slogan "Jamais Tenhamos que Dizer Adeus Àqueles que Amamos" vende a promessa de que a morte não precisa mais ser um limite. A ambição de seu fundador, que espera que a tecnologia permita às pessoas "não sentir mais a dor ou a necessidade do luto", é uma prova documental dessa cultura neoliberal.

Nesse ponto, é importante entender: se não fosse a IA, seria outra tecnologia a servir esse propósito. Existe, sim, algo de único na interação com a IA, mas não é algo que sempre será, nem que deveria ser assim. O efeito da IA sobre o narcisismo, aqui denominado "inchaço", é como uma garganta que se inflama, tanto pela infecção, como também pelo ambiente que facilita a contaminação.

Esse posicionamento não ignora o fato de que a IA precisa ser mais estudada. O que acontece quando ela não é abandonada tal como o objeto transicional? Há algo de novo: um produto feito de linguagem e para a linguagem, em uma estrutura que se articula com o inconsciente. Uma tecnologia preditiva que tenta antecipar o desejo e, de tanto prever, alucina e simula. São muitas camadas complexas que abrem campo para discussões que não devem ser ignoradas.

A IA tem o potencial de transformação nas áreas sociais e também nas subjetivas. Quando acompanhada de um sistema que em si já é facilitador na promoção de fragilidades narcísicas estruturais, ela amplia processos de alienação e reforça dinâmicas de recusa da alteridade, impactando profundamente a constituição subjetiva contemporânea e permitindo um abismo cada vez maior entre o sujeito, sua ética e a possibilidade de se reconhecer em sua falta.

Como desdobramento desse trabalho, estudos futuros podem se dedicar à investigação das múltiplas formas de relação afetiva que os sujeitos estabelecem com a Inteligência Artificial, indo além da vertente narcísica aqui privilegiada. Relações marcadas pela frustração, pela fragmentação do self, ou mesmo por modos singulares de satisfação e regulação emocional, merecem ser analisadas em sua

complexidade. Além disso, torna-se cada vez mais relevante explorar o campo da linguagem e sua relação com as IAs.

REFERÊNCIAS

- Binkowski, G. I., & Roja, V. F. M. (2023). Nos confins do sujeito algorítmico: Um desafio ético-epistemológico para a psicanálise? *SIG – Revista de Psicanálise*, 12(2), e2304. <https://doi.org/10.59927/sig.v12i2.87>
- Freud, S. (1910/1996). Quinta lição. In S. Freud, *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (pp. 17–65). Imago. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 11)
- Freud, S. (1914/2011). Introdução ao narcisismo (P. C. de Souza, Trad.). In S. Freud, *Obras completas: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914–1916)* (Vol. 12, pp. 1–24). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1925/2010). As resistências à psicanálise (P. C. de Souza, Trad.). In S. Freud, *Obras completas: O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos (1923–1925)* (Vol. 16, pp. 222–233). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Green, A. (2005). Key ideas for a contemporary psychoanalysis: Misrecognition and recognition of the unconscious (A. Weller, Trans.). Routledge.
- Green, A. (1983/2001). Life narcissism, death narcissism (A. Weller, Trans.). Free Association Books.
- Kohut, H. (1971/1988). Análise do self: Uma abordagem sistemática do tratamento psicanalítico dos distúrbios narcísicos da personalidade (M. T. B. M. Godoy, Trad.). Imago.
- Lemma, A. (2024). Mourning, melancholia and machines: An applied psychoanalytic investigation of mourning in the age of griefbots*. *The International Journal of Psychoanalysis*, 105(4), 542–563. <https://doi.org/10.1080/00207578.2024.2342917>
- Lévy, P. (1997). O que é virtual? *Ciência da Informação*, 26(2). <https://doi.org/10.1590/S0100-19651997000200018>
- Possati, L. M. (2023). Unconscious networks: Philosophy, psychoanalysis, and artificial intelligence. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003345572>
- Silveira, P. V. R., & Paravidini, J. L. L. (no prelo). O laço cibernético do usuário na interação com a Inteligência Artificial. In L. F. Almada & A. P. do R. Barros (Orgs.), *Psicanálise, Política e Capitalismo*. Kotter.
- Winnicott, D. W. (1971/1975). O brincar e a realidade (J. O. de Aguiar Abreu & V. Nobre, Trans.). Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Zwart, H. (2017). “Extimate” technologies and techno-cultural discontent: A Lacanian analysis of pervasive gadgets. *Techné: Research in Philosophy and Technology*, 21(1), 24–54. <https://doi.org/10.5840/techne20174560>